

DESAFIOS NO ENSINO DO CONTEÚDO CONCRETO NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

ARACI JOST¹

JOSÉ LUIZ ZANELLA²

RESUMO: Este trabalho objetiva divulgar resultados da pesquisa, possibilitada pelo Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE/Pr, cuja Política de Estado à formação Continuada dos Professores da Rede Estadual do Paraná, tem desenvolvido pesquisas excepcionais para superação de problemas diagnosticados por eles. A problemática em destaque resultava em ouvir reclamações dos Professores do desinteresse dos alunos em apreender o conteúdo e, por outro lado, ao ouvir os alunos, relatos sobre aulas dadas de uma forma repetitiva e sem sentido para eles. Isso nos desafiou a buscar aprofundamento teórico-metodológico de uma prática de ensino com conteúdo concreto ligado à realidade dos alunos. Como resultado da pesquisa propusemos, por meio de um Caderno Temático, a formação de Grupos de Estudos, entre Equipe Pedagógica e Professores, subsidiados por autores críticos que explicitam a indissociabilidade da teoria e prática. Buscamos abranger três grandes temas: A origem e construção do conhecimento e o processo de humanização; Processo de trabalho e humanização; Educação escolar e a formação humana. Este conteúdo subsidiou a Implementação do Grupo de Estudos na escola e a organização do curso online, Grupo de Trabalho em Rede, com uma troca riquíssima em estudar o material organizado na pesquisa, à luz da realidade dos Professores inscritos.

PALAVRAS-CHAVE: Formação continuada do professor. Conteúdo concreto. Ensino e aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE/Pr é uma grande conquista dos professores da Rede Estadual e se insere como Política Pública de Estado no campo da Formação Continuada, propiciando afastamento remunerado por um ano para que o professor volte aos estudos, no espaço acadêmico, fundamente sua pesquisa sobre o tema

¹ Professora PDE da Rede Estadual do Paraná – Mestre em Políticas Públicas em Educação e Gestão- cursado na Universidade Tuiuti do Paraná – UTP, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho, Educação e Políticas Educacionais- TEPE. aracijost@hotmail.com

² Professor Doutro – Orientador PDE- Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Francisco Beltrão- Pr. Curso de Pedagogia/Mestrado em Educação, membro do Grupo de Pesquisa Sociedade, Trabalho e Educação. zanellaz@hotmail.com

diagnosticado em sua prática educativa. O presente artigo aborda uma temática importante para o avanço da Educação Pública do Paraná, que é a necessidade de aprofundamento na compreensão dos fundamentos teórico-metodológicos da prática educativa dos professores, visto que é o baixo rendimento dos alunos que ocupa lugar de destaque nos espaços acadêmicos universitários, nos discursos políticos e nos embates teóricos que permeiam a organização das políticas educacionais que organizam a Formação Continuada dos professores. Na minha experiência dos últimos cinco anos de mediação entre professor, aluno e o processo educativo, como integrante da equipe pedagógica, identifiquei que há dificuldades em trabalhar os conteúdos científicos, trazendo significados aos alunos. E o trabalho coletivo da escola se empenha em organizar espaços que possibilitem recuperações rápidas para que o processo continue. Entendo que tais processos podem expressar-se num resultado quantitativo que é o alcance da nota, porém deixa a desejar quanto ao resultado qualitativo, que seria a apreensão do conteúdo, quando ambos devem caminhar juntos.

Em face dessa rica vivência recortamos nosso objeto de estudo, relacionado com a necessidade de aprofundamento sobre o materialismo histórico dialético cujo método revolucionou as ciências sociais, considerando a condição existencial do homem como conteúdo embasador da ciência, fator ausente à maioria das concepções teóricas sobre o conhecimento. Mas, conforme afirma Pinto (1979, p.113) “[...], a realidade do homem está no cerne do problema do conhecimento e daí não pode ser afastada. [...]”. E é nesse sentido que apontamos a compreensão da filosofia do marxismo como indispensável para a formação dos professores, pois trata da compreensão entre a teoria e prática na formação e organização da história humana. Este, como ser social, produzindo seus meios de vida, produz, também, a sua humanidade. E é neste contexto que o conhecimento científico se constitui. Sendo assim, não podemos trabalhar o conhecimento apartado da realidade humana, pois estaremos negando a sua origem como conteúdo integrante de nossa humanidade.

Apontamos o imenso desafio do trabalho dos professores em sala de aula, e defendemos continuamente que a responsabilidade da prática de sala de aula não é só deles, mas de toda a equipe da Escola. Fundamentamos em nosso projeto de que a caminhada formativa do professor traz desafios desde seu ingresso nos cursos de graduação, de especialização até ao alcance dos níveis de *latu* ou *stricto sensu*. Mas nada se compara ao imenso desafio que se nos apresenta ao assumirmos uma sala de aula com diferentes crianças ou jovens aprendizes. Nós nos defrontamos com um compromisso

grandioso, quando verdadeiramente compreendemos o papel que o conhecimento ocupa na formação humana, cujo compromisso se insere em nosso trabalho educativo. A questão em destaque, como fio condutor desse trabalho, é o aprofundamento de nossa compreensão sobre a constituição do conhecimento na produção material para atender as necessidades sociais, tratando assim da indissociabilidade da teoria e prática na construção do mundo humano em seu movimento histórico. A relação da teoria e prática traz em sua história, preconceitos arraigados na consciência humana, cuja consequência gera distorções e superficialidades nas relações sociais e, também, nas concepções de mundo e na prática educativa dos professores.

Ancorada nessa vivência profissional e fundamentada em leituras de autores críticos, optamos em abordar conceitos elaborados pela filosofia da práxis e fundamentados em Marx, no sentido de aprofundar nossa compreensão sobre o Método do Materialismo-Histórico-Dialético que fundamenta a Pedagogia Histórico-Crítica, em cujo movimento se insere conceituações importantes à transformação de nossa prática educativa. É comum no meio educacional, falar da PHC e de seus ensinamentos, porém não há efetividade na prática. Parece que virou moda falar dessa pedagogia só como retórica, já que a prática continua a mesma, há anos. Não há compreensão dos conceitos defendidos por ela, nem sequer dos mais básicos que tratam da prática social inicial. As distorções são absurdas e contribuem para o empobrecimento da prática educativa. Por isso a urgência de estudos continuados, para verdadeiramente quebrar velhos paradigmas que se repetem na prática educativa da sala de aula, mesmo com toda a boa vontade e preocupação dos professores. Temos que assumir nossa ignorância sobre a proposta da Pedagogia Histórico-Crítica. É uma proposta revolucionária, inovadora, mas precisa ser estudada e assimilada em sua essência. Caso contrário, continuaremos a nos enganar e fazer de conta que estamos trabalhando numa perspectiva crítica, quando na realidade estamos numa prática reacionária e sem sentido para nossos alunos. A situação é deprimente, pois os professores acreditam que estão desenvolvendo uma prática adequada e culpam as vítimas, “os alunos”, pela sua incapacidade de aprender. Neste caso só a aprendizagem é avaliada, já que o ensino é perfeito! E é nesse sentido que destaco a relevância deste trabalho de pesquisa, porque há uma lacuna na formação dos professores e da equipe pedagógica que pode ser preenchida com a organização de Grupos de Estudos de Formação Continuada, como propõe este trabalho.

Esta pesquisa iniciou com o projeto sobre o tema, apresentado para a comunidade escolar e fundamentado com aulas teóricas ministradas pelos professores das

Universidades Estaduais. Em paralelo tivemos as orientações com um professor da IES a que pertencemos, o que nos possibilitou leituras aprofundadas sobre o tema pesquisado. Também em paralelo tivemos cursos de Tecnologia, oferecido pelos técnicos dos Núcleos a que pertencemos como preparação para nossa tutoria no Curso online do GTR. Assim é que nos preparamos para o retorno na Escola e o trabalho de implementar o projeto e, ao mesmo tempo desenvolver o curso em rede com os colegas, inscritos no GTR. Essa bagagem de experiência subsidia a estruturação deste artigo que está organizado da seguinte forma. Relataremos as conceituações dos autores que subsidiaram o trabalho de pesquisa; em seguida explicitaremos as reflexões observadas na Implementação do Grupo de Estudos na Escola; e por último, sintetizaremos nossas considerações finais. Colocaremos como **documentos em anexo**, texto síntese da Palestra do Orientador dessa Pesquisa e algumas ideias destacadas do belíssimo Estudo e Debate com os colegas Professores, inscritos no Grupo de Trabalho em Rede – GTR.

2 - RELAÇÃO TEORIA-PRÁTICA: concepção de mundo e a práxis educativa

Na caminhada profissional que desenvolvemos somos instigados a pensar como essa relação afeta o processo educativo e por que não se discute tal relação nos encontros pedagógicos da escola. Temos dificuldades para compreender a história humana por meio do método dialético em seu movimento. Habitualmente percebemos o mundo do ponto de vista metafísico, que é uma percepção que classifica as coisas como identidades únicas, considerando-as em sua imobilidade e isenta de contradições. Entendemos, assim, que para desenvolver o trabalho educativo na perspectiva do método do Materialismo-Histórico-Dialético é necessário que tenhamos a oportunidade de historicizá-lo. “Com efeito, Lênin disse: sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário”³. Isto quer dizer, antes de mais nada: é preciso juntar a teoria à prática (Politzer, 2001, p. 15)”. E no processo educativo, costumamos desenvolver uma prática em sala de aula, ensinando o conteúdo por ele mesmo, sem relacioná-lo com a realidade de sua origem e de sua importância para a sociedade.

Para a dialética, não há nada de definitivo, de absoluto, de sagrado; apresenta a caducidade de todas as coisas e em todas as coisas, e, para ela, nada existe além do processo ininterrupto do devir e do transitório (ENGELS, In: POLITZER, 2001, p.113).

Isso significa que precisamos considerar que além do presente, que é transitório, há um passado e um futuro envolto na coisa ou no ser. Só assim é possível compreender com mais aprofundamento as relações existentes na constituição dos conteúdos. As explicações

³ Lenin. Que Faire?, Editions Sociales, Paris, 1947.

da base científica são importantes para subsidiar nossa compreensão do método e da forma como podemos analisar a realidade ou trabalhar o conteúdo científico em sala de aula. Nisso precisamos conhecer duas leis importantes da dialética as quais detalharão como o movimento dialético se constitui. A primeira lei é a mudança dialética, numa percepção de mundo em que tudo se transforma o tempo todo e de que esse movimento diz respeito à constituição do universo. Portanto esse método de análise engloba todas as coisas, incluindo o ser humano. Cometemos equívocos quando percebemos as coisas ou as pessoas como se fossem sempre as mesmas. A dialética nos traz uma forma de ver as coisas num movimento provisório, não no sentido de fragilização, mas no sentido de transformação. A outra lei, que é central no movimento dialético é a contradição, o que se constitui entre duas forças contrárias que estão em desacordo.

O que se passa entre essas forças? Lutam. [...]. Em todas as coisas, há forças que tendem para a afirmação e outras para a negação, e, entre a afirmação e negação, há contradição. [...]. Uma coisa começa por ser uma afirmação que sai da negação. O pintinho é uma afirmação resultante da negação do ovo. [...]: a galinha será, pois, a negação do pintinho, que vinha, por sua vez, da negação do ovo. (POLITZER, 2001, pp. 128-9, 130)

A compreensão da história humana na perspectiva do movimento dialético permite e nos leva a considerar sempre os múltiplos aspectos existentes nas coisas e seu 3 Lêni, Que faire?, Editions Sociales, Paris, 1947. conteúdo. Não podemos considerar a ciência sem a ignorância, a verdade sem o erro, requerendo sempre um olhar mais aprofundado para alcançar a compreensão e explicitação dos conteúdos, que foram se constituindo para atender problemáticas humanas em sua coletividade. São conhecimentos científicos acumulados.

A escola e seu processo educativo se embasam nos conhecimentos científicos construídos para atender a produção da existência humana. Esta produção se dá por meio do trabalho, cujo conteúdo deve se trabalhado e explicitado por meio da educação. Saviani explica como:

[...]. Toda a educação organizada se dá a partir do conceito e do fato do trabalho, portanto do entendimento e da realidade do trabalho. E por quê? Para responder a essa questão, podemos partir das noções gerais que costumamos encontrar nos enunciados relativos à educação: que a educação diz respeito ao homem, que a educação é a formação do homem, e assim por diante. [...], ficamos com esses enunciados em um plano muito genérico e abstrato porque, geralmente, não nos perguntamos: o que é o homem? Ora, o que define a existência humana, o que caracteriza a realidade humana é exatamente o trabalho. (SAVIANI, 2003, p. 132)

Os diferentes modos de produção, escravagista, asiático, feudal e o capitalista trazem suas determinações e caracterizações requeridas à formação humana. Em cada época houve necessidades específicas de formação. Assinalamos, entretanto, a origem da

escola como espaço do ócio, do lazer, destinados àqueles que não precisavam trabalhar. A ciência, também era limitada para um pequeno grupo daquelas sociedades. Pelos limites desse trabalho, trataremos da questão específica da escola e do desenvolvimento e aplicação da ciência no capitalismo, na sua configuração atual, em que a transferência das funções intelectuais às máquinas requerem uma formação geral. E é nesse sentido que Saviani defende que os avanços científicos que sustentam a produção da existência humana atual têm despertado para um ensino que propicie a unidade entre teoria e prática, principalmente por meio do currículo do ensino médio, o que possibilitaria o ensino politécnico. Mas políticas públicas brasileiras propiciam uma formação de polivalência, repassando o ensino de várias funções ao mesmo tempo, sem a preocupação de explicar seus princípios científicos, cuja organização se mantém pelo controle privado dos meios de produção. Se o trabalhador precisa permanecer somente com sua força de trabalho, como resolver a questão da produção nessas máquinas avançadas, sem que o trabalhador tenha formação requerida? Novamente, eis a contradição. Por ocasião da Segunda Revolução Industrial, essa contradição foi solucionada com o parcelamento do trabalho e a generalização da escola como distribuidora das doses homeopáticas, para formar o trabalhador geral. E, diante da crise, no contexto atual, como o capitalismo vai encontrar a solução?

Estamos diante de um contexto em que é salutar compreender a complexidade da crise e assumir uma posição de resistência na busca de novas alternativas. Nisso destacamos argumentos do professor Zanella em sua afirmação de que o trabalho da educação escolar deve se embasar no ensino de conceitos:

De modo que o ensino do conceito tem como finalidade a formação humana completa numa perspectiva histórica, de superação das necessidades em busca da emancipação plena – reino da liberdade. [...]. Como proceder para realizar o ensino do conceito? Primeiramente é preciso ter claro que o ensino é sempre uma relação ativa entre sujeitos históricos e sociais: professores e alunos. [...]. [...] A relação professor-aluno deve perpassar a unidade “ciência e vida” de modo que o professor não se coloque como um arrogante detentor de um saber superior que é utilizado para oprimir, mas que seja uma relação do educador “democrático” e emancipador que se coloca junto aos alunos para elevá-los coletivamente a um saber superior, [...] (ZANELLA, 2003, p. 280 -1).

É a proposição da PHC, fortalecida no argumento construído na Tese de Zanella, que defende o ensino de conteúdos concretos, isto é, de conceitos que se insere numa perspectiva histórica, de modo a produzir a compreensão da história humana e a formação de uma nova humanidade, em cujo movimento produza solidariedade e liberdade. Ter domínio de conhecimento significa a criação de uma natureza histórica, a segunda natureza de que Saviani afirma, a qual propicia mais possibilidades de se inserir no mundo e ter

qualidade de vida. Formar-se como ser humano integral com inteligência livre para suas escolhas.

3- IMPLEMENTAÇÃO GRUPO DE ESTUDOS NA ESCOLA: alguns apontamentos

Após um ano de afastamento para estudos aprofundados sobre a problemática, o retorno à escola e a Implementação do trabalho é um momento crucial para iniciar a construção de uma nova prática. E nesse sentido deve haver o envolvimento de toda a equipe da Escola para o acolhimento da(o) professora/professor, o que tem se apresentado como um grande desafio. Como este retorno se dá no início do ano letivo, os afazeres do processo educativo por si só são intensos e envolvem o grupo numa rotina de compromisso imenso, no sentido de organizar a escola e todo o planejamento para receber os estudantes e iniciar o trabalho educativo. Isso demanda energia intelectual e física que ocupa toda a equipe o tempo todo. E é dentro desse movimento, efervescente, que a(o) professora/professor PDE vai se inserir e disputar tempo para ser ouvido pelos colegas e marcar seu retorno com argumentos que possam influenciar o processo educativo em sua coletividade. Isso requer uma organização a priori, da equipe da Escola, já solicitada pelo professora/professor PDE. Por isso, o sucesso do retorno depende muito da organização coletiva do processo educativo numa perspectiva sempre de possibilitar de que cada profissional tenha a visão do planejamento geral da Escola. A Implementação requer divulgação do trabalho de pesquisa como despertamento para sua aceitação e compartilhamento do coletivo da Escola. O interesse vem do conhecimento do objeto e da solidez da argumentação que subsidiam a sua ação na prática.

A implementação deste trabalho que pretendia abranger todos os professores do curso de Formação de Docentes e integrantes da equipe pedagógica na organização de um Grupo de Estudos continuados se deu num contexto diferenciado, pois foi um ano com um período de quase três meses de greve e o retorno foi marcado por desânimo e pela necessidade de organizar o ano letivo num período mais condensado to tempo, incluindo os sábados como dias letivos. Neste sentido tivemos muitas dificuldades na organização de um horário que possibilitasse a participação de um maior número dos profissionais da Escola, o que não foi possível. Optamos em aproveitar o horário intermediário do final do período vespertino e adentramos no período noturno. Esta foi a solução encontrada, depois de muito empenho da Direção e Equipe da Escola em atender o que estava planejado em nossa proposição. Tivemos muitos momentos junto ao coletivo da Escola para compartilhar o conteúdo da pesquisa, o que facilitou o ingresso dos participantes.

Iniciamos com textos que trabalhavam o primeiro tema, sobre a origem do conhecimento e o processo de humanização. Utilizamos textos de Álvaro Vieira Pinto de sua obra “Ciência e Existência”, um clássico que explicita o papel na ciência na construção do mundo humano e na subjetividade dos indivíduos. Organizamos esses estudos com perguntas direcionadoras das leituras, o que serve como fio condutor da leitura do texto. São as seguintes questões: - O conhecimento principia quando alcança a forma reflexiva, destaque e discuta com seus pares sobre o avanço qualitativo gerado por esse fato; - Destaque os sentidos fundamentais dessa construção humana, refletindo sobre as teorias do conhecimento com a existência humana da atualidade.

Em síntese, na observação do que o grupo dizia sobre sua compreensão destacam-se os seguintes aspectos: - que o desenvolvimento do homem começa na forma concreta, em que o mesmo necessita de objetos para pensar e realizar uma determinada ação, imposta pelo contexto em que vive. A partir do momento em que essas ideias e ações tornam-se hábitos, o homem é capaz de pensar, criar e imaginar novas ações, novos conhecimentos em forma de novas experiências e novos hábitos reconhecidos como úteis na sociedade; - diante da afirmativa do autor de que a ciência não pode ser apartada da vida, os professores se firmaram numa compreensão de que o trabalho com o conteúdo escolar deve se ancorar na vivência prática, e que os conteúdos devem ser trabalhados não de forma individualizada, mas na demonstração da relação com a coletividade e sua interdependência. Sublinha-se assim a necessidade de historicizar os conteúdos, suas origens e atualidade para a vivência de alunos e professores.

O segundo tema sobre o processo de trabalho e o processo de humanização, foi trabalhado com textos de Gaudêncio Frigotto, (2002, p. 11-27) “A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida”; e com o “Documentário, Carne e osso”, de (Cavechini e Barros, 2011) que trata sobre condições concretas de trabalhadores de frigoríficos da atualidade. Assim seguimos com o eixo condutor da organização deste trabalho e sua inter-relação com a educação e o processo de humanização, aprofundando nossa compreensão sobre o processo de trabalho na sociedade capitalista atual. Organizamos duas problemáticas para fundamentar a leitura do texto à luz da prática educativa dos participantes, dividindo a turma em dois grupos, para finalizar com o debate no grupo maior. A primeira problemática: o trabalho é conceituado pelo autor como necessidade vital para a produção do ser humano e foi por meio dele que o homem produziu conhecimento, ciência e tecnologia. Diante da realidade atual da fragmentação das ciências, do desenvolvimento da tecnologia e da exploração do trabalho, destaque: quando o trabalho é criador da vida e

quando ele é destruidor? A segunda problemática: vivenciamos uma crise estrutural mundial do capitalismo, cujas consequências afetam a formação do ser humano. Como a educação tem trabalhado frente a tantos desafios e, em que medida ela pode contribuir para formar jovens críticos, preparados para se posicionar nesse mundo?

Esse tema de estudo é polêmico e despertou curiosidades em algumas observações do grupo. Mas se a escola não preparar para o mercado de trabalho, para o que ela vai preparar? Neste sentido, como condutora do Grupo destaquei algumas observações sobre o aspecto da alienação do pensamento do trabalhador, relacionando-o com a apropriação privada da ciência e tecnologia, cujas intencionalidades mascaram a realidade desses trabalhadores, explorados e excluídos da possibilidade de uma formação humana digna. A demanda desse trabalhador requer um trabalho diferenciado da escola pública que é trabalhar o conteúdo para explicar a realidade social em que estão inseridos, promovendo ampliação de sua visão de mundo.

A educação escolar e a formação humana: para além do mercado do trabalho é o terceiro tema dessa produção e é o foco central da pesquisa. Por isso nos ancoramos em em três importantes intelectuais para fundamentar o grupo de estudo: George Politzer, Dermeval Savian e José Luiz Zanella. Iniciamos com textos de George Politzer que tratam de esclarecer em que consiste o Método Metafísico, e de trabalhar conteúdos de introdução ao estudo da dialética. Utilizamos perguntas de controle para o debate, nos auxiliando na relação dos textos com nossa forma de perceber o mundo e de desenvolver nossa prática educativa. Questões como: - as características do método metafísico? - Estamos habituados a considerar as coisas na sua imobilidade?- O que é um desenvolvimento histórico? - Por que e como se transformam as coisas? – Como a dialética concebe a mudança. São esses aspectos, destacados nos textos, que auxiliaram nossa compreensão de mundo à luz de nossa prática.

Em face da riqueza contida nos textos, destaquei algumas observações que grosso modo, são bem relevantes e quase inexistentes nos estudos pedagógicos da escola: - que as políticas públicas, os documentos legais que regem a escola e os profissionais que trabalham nela expressam uma concepção de mundo na perspectiva da metafísica, percebendo a história humana com isolamento das coisas, classificando-as como se fossem independentes umas das outras, como se o mundo fosse separado por divisórias e muros intransponíveis. Isso gerou uma vastidão de preconceitos repassados não só no senso comum, mas também na prática do trabalho com o conhecimento científico. Essa cultura arraigada na sociedade e na prática da escola está impedindo que haja avanços

significativos em nossa concepção de mundo, no sentido de perceber a história em seu movimento, em permanente transformação. Na caminhada histórica houve diversas tentativas de demonstrar a possibilidade de análise dessa história em movimento, mas foi o Materialismo Histórico- Dialético que propiciou esse avanço, o que só foi possível pelos avanços materiais na produção da existência humana. E um Método atualíssimo, e para compreendê-lo temos que estudá-lo! Não há mágica e nem leituras superficiais que possibilitarão tal avanço, mas somente com estudos e debates contínuos. E como professores da Educação Básica podemos nos organizar para tais estudos. Não é necessário fazer doutorado para compreender este tão belíssimo Método. Já temos tais conhecimentos acumulados historicamente, vamos utilizá-los!

Na sequência estudamos Saviani, com texto sob o título “Choque teórico e a politécnica. Trabalho, educação e saúde”, e optamos pela organização de Mesa Redonda, e colocar como fio condutor da palestra e da leitura do texto feita, a priori, a seguinte questão: á luz do texto e considerando o contexto atual, é possível organizar transformações para essa nova forma de trabalhar com o conhecimento? Saviani se firma no argumento de que o desenvolvimento material da existência humana põe novas exigências específicas para o trabalhador, o que requer transformações no processo de formação geral. Os próprios empresários estão mais sensíveis a essa questão. “Desejam eles capacitação geral, rapidez de raciocínio, grande potencial de incorporação de informações, adaptação mais ágil, capacidade de lidar com conceitos abstratos e assim por diante. [...] [...] [...] (SAVIANI, 2003, pp.149). Com o avanço da ciência e da tecnologia, o que propiciou a transferência das funções intelectuais para as máquinas, abrindo espaço para a efetivação dessa nova formação. - Nisso o autor explica como seria a prática educativa do fundamental e médio. Manteremos nosso foco numa nova organização do para o ensino médio, em cujo contexto torna-se possível desenvolver uma prática educativa utilizando-se do conceito do trabalho como princípio educativo, com unidade da teoria e prática. - A prática educativa pode se desenvolver com base num planejamento que abranja a prática das diversas técnicas e a explicação da teoria que fundamenta tais técnicas, superando o ensino profissional e se constituindo numa escola média, de formação geral. – O nosso papel como professores é trabalhar, coletivamente, para organizar o processo educativo que supere a dicotomia entre teoria e prática e propicie uma formação de jovens com criticidade, propiciando uma concepção de mundo mais aprofundada não só para compreender a realidade em que estão inseridos, mas, principalmente para interferir e se posicionar adequadamente frente a essa realidade rumo à superação do homem cindido, e a escola pública cumpriria seu papel na preparação desses jovens mais completos.

O ensino do conceito foi o texto recortado da Tese sobre “O trabalho como princípio educativo do ensino”, do professor Doutor José Luiz Zanella, para nosso Grupo de estudo, em cujo espaço teve a sua palestra sobre o tema. Dos seus argumentos, coloco em relevo os seguintes: Ele partiu do princípio de que antes de ensinar qualquer conhecimento escolar, o professor precisa ter domínio de uma teoria sistematizada que fundamente sua visão de mundo. Esta clareza é indispensável! Fez uma síntese das correntes pedagógicas presentes na educação brasileira nominando-as de pedagogias hegemônicas, que desenvolveram uma forma de trabalho pedagógico numa espécie de negação do ensino do conhecimento científico nas escolas. Com isso ele destaca e contextualiza a criação da Pedagogia Histórico-Crítica que se opõe a isso e assinala a importância de trabalhar com os clássicos, conhecimento científico que estão acumulados e que devem ser os conteúdos escolares. E que estes devem ser trabalhados no sentido de explicar o desenvolvimento da humanidade. O conhecimento se constitui nesse movimento histórico e, como tal, cria o mundo humano e as subjetividades. Quando o conteúdo é demonstrado em sua utilização prática e explicado em seus fundamentos teóricos, ele fará sentido para professores e alunos. Nisso podemos nos firmar no argumento de que todo o bem material e intelectual produzidos contém forças e energias humanas, contém histórias. E nessas relações há interesses conflitivos, que na superficialidade não podem ser explicados. É um movimento complexo, são relações complexas!

Em face da necessidade de compreender a estrutura e conjuntura do sistema capitalista, os participantes organizaram questionamentos sobre a questão do tempo de estudos e do número excessivo de alunos em sala de aula, perde-se muito tempo com a indisciplina. Diante disso, foram organizadas algumas observações. Entre elas, a de que o trabalho pedagógico requer planejamento, para que seja efetivado por meio de uma mediação segura e instigante, no sentido de distinguir o fenômeno na sua aparência e alcançar a compreensão de sua estrutura, isto é, da sua essência. O conteúdo concreto ⁴ do objeto está escondido na sua aparência. Para compreendê-lo é preciso destrinchar o conceito e compreender as interconexões presentes em seu desenvolvimento para atender as necessidades sociais. A mediação do professor é de importância ímpar, por isso deve dominar os conceitos trabalhados. **Mas o que é o conceito?** Vimos que o conhecimento se constitui no trabalho, isto é, na ação humana para atender necessidades sociais na produção de sua existência. Assim é que se produziu e se produz ciências e tecnologias

⁴ | Entende-se por conteúdo concreto o conceito enquanto expressão das leis dialéticas e científicas do real natural e social, conf. ZANELLA, José Luiz. **O trabalho como princípio educativo do ensino**. Campinas, SP: Unicamp, 2003. Tese de doutorado.

para resolver problemas enfrentados pela humanidade em sua caminhada histórica. O conceito é a teorização sobre esses bens materiais e culturais requeridos e constituídos nessa caminhada da história humana. Essa é a perspectiva de trabalho defendida pelo Método do Materialismo-Histórico-Dialético, que fundamenta a Pedagogia Histórico-Crítica. Não basta conhecer seus passos, há necessidade de um esforço intelectual, com estudos aprofundados dos fundamentos teórico-metodológicos desses passos e de sua prática efetiva.

4- GRUPO DE TRABALHO EM REDE- GTR: debate efetivo da pesquisa à luz da realidade escolar dos cursistas

A realização do GTR como Tutora, conduzindo um grupo de cursistas de colegas da rede fez com que sentíssemos uma imensa responsabilidade, tanto no saber usar todas as ferramentas tecnológicas e orientá-los no uso de suas atividades, como em saber motivá-los a fazer as leituras de todo o material que produzimos durante a pesquisa e responder com o devido aprofundamento. Foi uma caminhada de três meses, trajeto em que compartilhamos o resultado de nossa pesquisa e aprofundamos o tema à luz dos argumentos dos colegas que trouxeram a sua realidade para inserir no debate, o que possibilitou a ampliação da reflexão do grupo sobre o tema.

O GTR de 2015 foi ampliado para três módulos. O primeiro como fundamentação teórica do objeto da pesquisa, apresentamos nosso objeto por meio do projeto e disponibilizamos textos de autores utilizados para fundamentar a pesquisa; no segundo módulo disponibilizamos a produção dos resultados à implementação, o que fundamentou as tarefas dos cursistas; e finalizamos com relato de nossa implementação efetiva e a solicitação de um plano de ação, organizado no sentido de apontar novas possibilidades de pesquisas.

Iniciamos o GTR com a solicitação de uma reflexão sobre a problemática pesquisada, considerando que esse conteúdo tem inquietado os profissionais da educação, visto que os professores debatem recorrentemente sobre a baixa aprendizagem de seus alunos e buscam novas soluções na prática. Entendemos assim que é importante trabalhar os fundamentos teórico-metodológicos da filosofia da práxis, defendidas pela PHC em cuja conceituação envolve a unidade entre teoria e prática no trabalho educativo com o conhecimento científico. Seguem, de forma bem sintética, algumas reflexões dos cursistas, pois o debate foi imenso.

Fonte: relatos dos professores cursistas do Grupo de Estudo em Rede- GTR – set a dez./2015

“Muitas vezes a indisciplina dos alunos está relacionada com o encaminhamento metodológico do professor. Há professores que seguem fielmente o livro didático, sem planejar suas aulas, repetindo o mesmo procedimento todas as aulas (muitas vezes mandando os alunos fazerem cópia do livro didático. Acredito que o planejamento das aulas é fundamental, e que o trabalho do professor ao planejar envolve uma série de conhecimentos. Inicialmente o conhecimento do componente curricular que ministra as aulas, em segundo conhecimentos da didática, em terceiro conhecimentos dos fundamentos da educação e em último mas não menos importante conhecimentos sobre a adolescência, quem é esse aluno nessa fase de desenvolvimento.” “Considerando que a qualidade de ensino só melhora na medida em que tivermos um bom embasamento teórico, quando entendermos o momento histórico que vivemos, quando entendermos a realidade de nossos alunos, quando considerarmos o aluno da escola pública um sujeito de direitos, principalmente o direito à uma educação de qualidade, quando entendermos a função social da escola, quando compreendermos que o professor precisa ensinar sim, que os alunos são frutos dos condicionantes sociais, que o aluno com a ajuda do professor, professor como mediador, pode desenvolver suas capacidades mentais superiores, tornando-se livre pensador, que ao se apropriar dos conhecimento científicos, artísticos e filosóficos e políticos, o aluno pode se tornar partícipe das riquezas culturais e materiais conquistadas pela humanidade”

Em face do conteúdo exposto pelos cursistas, destacamos um eixo central de tais reflexões que aponta para a necessidade de planejamento coletivo e coerente com o que está proposto no Currículo organizado da escola. A falta dessa organização e conhecimento do currículo levam ao desperdício de um tempo precioso com nossos alunos em sala de aula, na tentativa de ensinar fragmentos de conteúdos que não fazem sentido aos alunos. Outras vezes os alunos estão alienados pela realidade em que estão inseridos, que não prestam atenção ou não acompanham as atividades trabalhadas. São vários aspectos que criam esses problemas. Mesmo assim, a escola deveria ter preparo para trabalhar com essa complexidade de comportamentos. Não vejo outro caminho a não ser estudar e aprofundar nossa visão sobre essa realidade tão complexa. O método em pauta nos ensina a perceber a história humana como movimento que se transforma continuamente, em cujo processo se constituem novas humanidades ou (des)humanidades. Nisso reside à urgência em estudar, debater, ampliar nossa compreensão sobre o trabalho com o conhecimento, relacionando teoria e prática na explicitação do conteúdo como meio para compreender a realidade social.

Na sequência apresentamos a produção da pesquisa e nossa proposta de Implementação, destacando para esse trabalho as reflexões dos cursistas em relação ao projeto em face da sua realidade escolar, argumentado de que já apresentação do contexto

de minha escola e os motivos que me levaram à pesquisa e elaboração do projeto de intervenção. E solicitamos a apresentação do contexto da escola dos cursistas como uma importante contribuição para esse espaço de estudo e que possa incidir sobre essa temática de pesquisa do PDE. De maneira bem sintética apresentamos alguns apontamos para nossa reflexão.

Fonte: relatos dos professores cursistas do Grupo de Estudo em Rede- GTR – set a dez./2015

“Em minha escola existe grupo de estudo da Pedagogia Histórico-Crítica, acontecendo sempre às quintas-feiras no período noturno. O grupo de estudos é ofertado pelo Diretor da Escola Edimilson Lenardão, que é professor da Universidade Estadual de Londrina, e já ofereceu debates relevantes o suficiente para a realimentação Projeto Político Pedagógico. Seguindo a linha do comentário da atividade 6, percebo a realidade do coletivo escolar que integro como subjetiva e abstraída da ideia de que o projeto pedagógico deve ser exercido e empenhado por todos de maneira a criar uma uniformidade. Nesse sentido, o projeto de intervenção apresentado pode contribuir a ponto de estabelecer uma unidade em meu coletivo escolar, de modo ao projeto pedagógico ser levado por todos uniformemente, com o objetivo de superar o problema de falta de interesse dos alunos. Contudo, saliento a dificuldade imposta pela resistência de alguns colegas de trabalho à Pedagogia Histórico-Crítica.”

“Em minha escola, desde o início do ano até junho, fizemos um trabalho de revisão, leitura e análise dos Planos de Trabalho Docente, para junto com o professor corrigir, atualizar e melhorar diversas questões sobre os conteúdos, a metodologia e a avaliação. Neste trabalho, pode-se observar nos PTD que os professores tem a formação, tem o conhecimento específico, porém ao pensar no encaminhamento metodológico e a avaliação, eles se perdem. Haja, visto que muito se questiona o trabalho desenvolvido nas faculdades, que na prática do trabalho pedagógico denunciam a falta de preparo dos docentes no trato com a metodologia. [...] Desta forma, a metodologia que aparecia nos planos era superficial, onde, em sua maioria era aula expositiva e muitas vezes, confundia-se conteúdo ou objetivos com a metodologia. Ainda falta conhecimento das diferentes metodologias e, principalmente, exercitá-las em sala de aula para analisar melhor no desenvolvimento do trabalho pedagógico. Outra observação sobre os PTD é a sua própria escrita, os docentes não dominam a linguagem pedagógica, escrevem em desacordo, apresentando muitas incoerências pedagógicas e a própria coerência e coesão do texto. [...] Acredito que o que impede a Pedagogia Histórico-Crítica se desenvolva na educação é a falta de conhecimento da concepção, pois o professor não sabe e não trabalha pensando numa proposta de sociedade em comum, ele pensa no seu trabalho individualmente, ou seja, realiza sua proposta individual[...].”

A realidade vivenciada demonstra que os professores têm domínio do conhecimento específico e o que lhes faltam é ampliar suas visões de como trabalhar para ensinar os conteúdos. A PHC traz conceituações fundamentadas no Materialismo-Histórico-Dialético, que compreendidos transformam o modo de pensar do sujeito professor. Acontece que muito se fala nessa proposta e pouco se aprofunda, talvez por falta de tempo ou, por achar

desnecessário, o que é um equívoco. Acredito que o professor que estude a fundo essas conceituações, consiga entrar numa sala com mais segurança para ensinar efetivamente a maioria de seus alunos. É a nossa concepção de mundo, a nossa forma de perceber a história humana, que determina nossa prática educativa. Na apresentação do segundo módulo do GTR, falávamos da inquietude gerada no início dessa caminhada de pesquisa, porque não sabíamos como seria. Afirmamos essa experiência como um caminho muito cansativo em alguns momentos, mas prazeroso em outros. Mas, depois das leituras que ampliaram nossa concepção de mundo, não podemos afirmar que estamos no final da caminhada e que, por isso, seria mais valiosa. Ao historicizar o método do Materialismo-Histórico-Dialético e compreender que a história humana é um movimento de transformações contínuas e que, portanto, não há capítulo final, a percepção desse terceiro e último Módulo do GTR se constitui não como fim de uma caminhada, mas como um momento do processo. Assim é tão importante como os demais, pois inquietações se transformam na busca de novas respostas. Com esses argumentos, solicitamos aos cursistas a sugestão de novos temas de pesquisa, avaliando e propondo alternativas para superar fragilidades no contexto de suas escolas, o que se expressou em novas problemáticas sugeridas pelo grupo. Levantaram excelentes sugestões, bem fundamentadas. Mas pelos limites deste trabalho, assinalamos que a ênfase destacadas por eles, a maioria da área de pedagogia, foi com problemáticas que possibilitem superação do trabalho do pedagogo/pedagoga como profissionais tarefeiros e com a valorização e ampliação da hora-atividade como espaço coletivo de formação continuada, o que possibilitaria a aproximação e fortalecimento entre pedagogos(as) e professores, construindo uma parceria sólida como mediadora do planejamento e de uma prática educativa em sala de aula, estudando textos à luz dos problemas concretos que afetam o ensino e aprendizagem.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando saímos da Escola para ingressar no PDE, levamos uma problemática que foi vivenciada não só pelo professor PDE, mas por outros profissionais da escola. Nesse sentido acredito que a pesquisa, a responsabilidade de investigar e de estudar é só do profissional pesquisador, mas o projeto de implementação pedagógica não é. Deve ser acolhido como um projeto coletivo, isto é, direção, equipe pedagógica e professores devem conhecê-lo e assumi-lo como responsabilidade da escola. Outro aspecto a pontuar são as aulas organizadas pelas Universidades Estaduais, em cujo tempo o professor PDE tem a obrigação de cem por cento de frequência. Ao ingressarmos no PDE não temos conhecimento da Proposta Curricular que subsidia tais aulas. Fomos informados aos

poucos e percebemos que cada professor/professora dava sua aula sem um planejamento coletivo, demonstrando isso na sua oralidade. Destaco essa crítica pela percepção de um longo tempo mal aproveitado, pois o ensino de fragmentos isolados não propicia uma sólida fundamentação teórica. Há necessidade de organizar uma Proposta Curricular, debatida coletivamente, pelos professores das IES5 e pela SEED6 . Em face disso, os subsídios teóricos para fundamentar adequadamente o projeto de pesquisa e a Produção dos Materiais Didáticos ficam ao encargo do professor orientador da Universidade. Sendo assim uma boa orientação é o que determina a qualidade da produção na pesquisa. No caso deste trabalho foi um grande encontro, pois além da humanidade e compromisso dispensado nas orientações, destaco que as leituras sugeridas foram fundamentais para tornar sólida a argumentação sobre o tema pesquisado.

Bibliografia

CAVECHINI, Caio; BARROS, Carlos J. Carne e osso (vídeo). **Documentário (52:42) sobre as condições precárias de trabalho em abatedouros e frigoríficos do Brasil, 2011**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_X8ALDZH_Dk. Acessado em 03/11/2014.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida**. In: ___ CIAVATTA, M. (orgs.). A experiência do trabalho e a educação básica. Rio de Janeiro, DP&A editora, 2002, pp.11-27.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

POLITZER, G. **Princípios elementares de filosofia**. 3ª edição. São Paulo: Centauro, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **O choque teórico e a politecnia**. Trabalho, educação e saúde. São Paulo, 2003, v. 1, nº 1, p 131-152. Disponível em: <http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/upload/revistas/r41.pdf>.

ZANELLA, José Luiz. **O trabalho como princípio educativo do ensino**. 2003. 319 f. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Departamento de Filosofia e H